

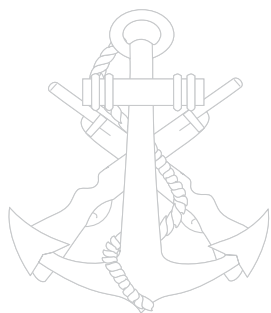
Assim, pode-se concluir que os CmtPel/CmtCia, na busca de obter e manter o respeito e ser reconhecido como líder por seus subordinados, não precisa se arriscar desnecessariamente, pois estes últimos necessitarão das habilidades destes oficiais em intervirem no combate para se alcançar seus ED.

A potencialização da liderança para o “front” é diretamente proporcional à competência dos CmtPel/CmtCia. Além disso, eles possuem a capacidade de compreender as dificuldades passadas pelos seus subordinados. Neste

contexto, para valorizar ainda mais esta liderança, estes oficiais deverão manter seus subordinados atualizados em relação à situação geral do conflito, bem como esforçarem-se, ao máximo, para minimizar as dificuldades identificadas ou confidenciais por estes últimos.

REFERÊNCIAS

HILGARTNER, Peter L. et al. Leading from the front? *Marine Corps Gazette*, Quantico, v.90, n.2, p. 38-40, fev., 2006.



CF (FN) Ludovico Alexandre Cunha Velloso
veloso@cgcfm.mar.mil.br

O Emprego do Conjugado Anfíbio



O Corpo de Fuzileiros Navais teve atuação relevante no assalto a Caiena, na Guiana Francesa, em 1808, em represália a Napoleão no processo de consolidação da independência, particularmente na manutenção da integridade territorial do país. O recém-criado Corpo de Artilharia da Marinha integrou a Esquadra comandada pelo Almirante Antônio Rodrigo Delamare que, em 1823, suspendeu com destino à Bahia, levando a bordo um destacamento de 1413 praças artilheiros e fuzileiros, aos quais se juntaram 950 chegados com a esquadra de Lord Cochrane nas operações conduzidas no norte e nordeste do Brasil. Outras participações relevantes se deram na campanha da Cisplatina e na Guerra do Paraguai.

Em 1957, é criada a Força de Fuzileiros da Esquadra. Notava-se, à época, a necessidade de se desenvolver em meios e doutrina e de adestrarem os Fuzileiros Navais e o Poder Naval de modo a capacitá-los a realizar Operações Anfíbias (OpAnf). Os ensinamentos colhidos na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coréia indicavam que um Estado, com pretensão de possuir uma capacidade militar apta a projetar poder fora de seu território, necessitava desenvolver uma estrutura com competência para realizar desembarques de tropa e ações aéreas lançadas do mar.

Desde então, a Marinha do Brasil procura desenvolver e obter meios específicos, esforçando-se em manter a Força de Fuzileiros da Esquadra e as Esquadras adestradas e preparadas para realizar ações que envolvam o emprego do Conjugado Anfíbio. O emprego do Conjugado Anfíbio proporciona, ao Poder Naval, flexibilidade e versatilidade operacionais e capacidade de permanência que conferem, ao seu emprego, um elevado alcance estratégico, cujo potencial pode contribuir de forma significativa para os objetivos estabelecidos na Política de Defesa Nacional (PDN).

Dentre as contribuições que esse conjugado pode proporcionar ao poder militar da nação no desenvolvimento de ações em consonância com as diretrizes e as orientações estratégicas estabelecidas na PDN, relacionam-se, a seguir,

aquelas que implicam na manutenção de uma estrutura de projeção anfíbia, compatível com o papel de destaque que o Brasil busca alcançar no cenário internacional e com o atingimento dos objetivos de defesa do Estado brasileiro.

A capacidade de projeção de poder sobre terra do conjugado anfíbio contribui, diretamente, para que o país mantenha forças estratégicas aptas a serem empregadas imediatamente. Suas características de mobilidade, permanência, flexibilidade e versatilidade tornam possível o seu posicionamento de forma oportuna e pelo tempo que se fizer necessário.

Na ampliação da influência do país no Atlântico Sul, o conjugado anfíbio proporciona meios para ampliar a integração e o intercâmbio entre Marinhas e Forças Armadas de nações africanas do Brasil, bem como oferece recursos para que o Poder Naval esteja apto a realizar ações em ilhas oceânicas ou nos litorais de países africanos, de modo a contribuir para a garantia das comunicações marítimas ou para o auxílio a um país do continente.

No que tange à América do Sul, o emprego do conjugado anfíbio pode contribuir, significativamente, para o aprimoramento da interoperabilidade e a capacidade operacional das Forças Armadas dos países sul-americanos que, sabidamente, possuem limitadas ou nenhuma capacidade anfíbia; para aprofundar os laços entre os países; e para integrar os continentes por meio do intercâmbio e de exercícios conjuntos entre países.

A PDN indica claramente o compromisso do país de dispor de capacidade de projetar poder, visando à eventual participação em operações autorizadas ou estabelecidas pelo Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas. Em que pese a possibilidade de mobilização de recursos prevista na PDN, o conjugado anfíbio proporciona condições para que o país possa integrar uma força multinacional e participar dela de forma destacada. Confere, ainda, rapidez na resposta

e na prontificação dos meios. Ao proporcionar condições para rápidos transportes e inserção de meios no apoio a missões de paz e ações humanitárias, a capacidade de projeção anfíbia contribui para maior participação do país nos processos decisórios internacionais, para a segurança e esforços multilaterais em relação à paz mundial.

O emprego do conjugado anfíbio contribui, significativamente, para a vertente preventiva das orientações estratégicas pela sua capacidade dissuasória. Em situações de paz, revela um significativo potencial para respaldo da ação diplomática na prevenção de conflitos, ao possibilitar o seu posicionamento em águas internacionais, posicionamento esse que não fere a soberania de qualquer país.

Outras contribuições relevantes para a PDN referem-se à defesa dos interesses do país no exterior, em particular à pro-

teção de nacionais e de recursos. No que tange à proteção de nacionais, é importante mencionar a capacidade de realizar operações de evacuação de não-combatentes. OpAnf poderão ser realizadas com vistas a prover segurança a nacionais ou recursos brasileiros empregados no exterior.

Finalmente, a capacidade de projeção anfíbia pode contribuir para ampliar o poder de combate, conduzindo operações ribeirinhas singulares e realizando ou apoiando operações ribeirinhas ou outras operações militares combinadas do país na região amazônica, onde os rios são, normalmente, as únicas vias de penetração. Essa capacidade confere, ainda, um potencial dissuasório relevante e um apoio significativo para que o Brasil possa vencer os desafios caracterizados pela cobiça internacional em torno do imenso potencial de recursos naturais da região.



Foto 1 - Carro Lagarta Anfíbio Mod. 7A1. Fonte: autor, 2010.

REFERÊNCIAS

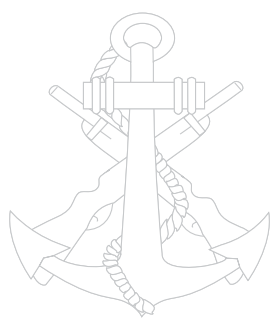
BRASIL. Decreto nº 5484, de 30 de junho de 2005. **Política de Defesa Nacional**. Brasília, DF, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil.htm>> Acesso em: 21 jul. 2005.

GUIMARÃES NETO, Samuel Pinheiro. **Quinhentos anos de periferia**. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Contraponto. 1999.

LEAL, Samuel Nogueira. **O Conjugado Anfíbio como Núcleo para Projeção de Poder Militar do Brasil**. 15 fl. Ensaio para o Curso de Estado Maior para Oficiais Superiores, Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2004.

PONTE, Waldir Bastos. Os Fuzileiros Navais e as Operações Anfíbias no Limiar do Novo Século. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 118, n. 4/6, abr/jun. 1998.

SANCTOS, Sérgio Serpa. O Papel dos Fuzileiros Navais na Estratégia Naval. **O Anfíbio**, Rio de Janeiro, n. 4, out. 1987.



CF (FN) Marcelo José Menezes dos Santos
marcelojmenezes@hotmail.com

CC (FN) Celio Litwak Nascimento
celiolit@uol.com.br

Operação Haiti - 12º Contingente do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais

“Quando a haitiana Magalie Boyer, que nasceu e cresceu em Porto Príncipe, descreve o que se vê na capital haitiana hoje, exatos seis meses após o terremoto que a devastou em janeiro, a resposta imediata surpreende: “Bandeiras do Brasil, muitas bandeiras do Brasil”. A enxurrada verde-amarela, explica a diretora de comunicação da organização não governamental World Vision, foi motivada, é claro, pela admiração dos haitianos pela seleção pentacampeã. Mas não só por isso. A simpatia vai além do futebol. Ela foi conquistada dia-a-dia, nos últimos seis anos, pelos militares brasileiros que estão à frente da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah), e se intensificou nos meses que se seguiram à pior catástrofe da América Latina.” (FLECK, 2010).